

**AS PRÁTICAS GRUPAIS E A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO: Intervenções em grupo  
no Estágio de Processos Grupais**  
DOI - 75d323ad165443c59fb-33b3

Jobert Teixeira Costa  
Felipe Santos Da Silva  
Cláudia Alexandra Bolela Silveira

**RESUMO**

As práticas grupais na atuação profissional do psicólogo constituem uma ferramenta fundamental para a intervenção psicológica nas áreas da psicologia: clínica e institucional. O objetivo desta pesquisa foi verificar as modalidades grupais da intervenção psicológica no Estágio de Processos Grupais e a importância desta prática na formação de psicólogos. A metodologia constituiu no levantamento bibliográfico e pesquisa documental das modalidades grupais realizadas nos prontuários e relatórios da Clínica Escola de Psicologia de uma universidade do interior paulista. Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa número CAAE 67358217.4.0000.5495. A análise qualitativa dos dados foi realizada a partir dos prontuários e relatórios do estágio de Processos Grupais a partir do referencial teórico na área. Verificou-se que as modalidades grupais do estágio no período de 2010 a 2016 foram predominantemente institucionais em detrimento à intervenção psicológica clínica que ocorreram em número menor. Qualitativamente verificaram-se os benefícios da intervenção grupal tanto institucional como em clínica a seus usuários e estagiários. Aos usuários pelo caráter terapêutico do grupo e aos estagiários pela experiência grupal em sua formação.

**Palavras chaves:** grupos; instituição; clínica psicológica.

**GROUP PRACTICE AND THE PSYCHOLOGIST ROLE:**

Group intervention in the *Estágio de Processos Grupais* subject

**ABSTRACT**

The group activities in the psychologist professional practice constitute a fundamental role when it comes to a psychological intervention in both clinical and institutional fields. The objective of this paper is to verify the group modalities of psychological interventions in the *Estágio de Processos Grupais* subject and the importance of this practice in the psychologist qualification. The methods that composes our study are a bibliographical survey and a documental research of the group modalities performed in the medical charts of an university based in the interior of São Paulo estate. This study has the approval of the CER (Committee of Ethics in Research) under the following number: 67358217.4.0000.5495. The qualitative analysis was carried based on the medical charts and reports of the previous mentioned college subject and the theoretical framework. The results unveiled that the most applied group modality, concerning the period of 2010 to 2016 of the internship, was the institutional one, consequently the clinical group intervention had a smaller range of application. Through the qualitative analysis it was possible to verify the benefits of the group intervention in both clinical and institutional areas, as well as in the users and interns. The benefits to the users can be listed for its therapeutic aspect, and to the interns can be highlighted by the group experience in their professional qualification.

**Keywords:** groups; institution; psychological clinic.

## **LAS PRÁCTICAS GRUPAIS Y LA ACTUACIÓN DEL PSICÓLOGO:**

Intervenciones en grupo en el *Estagio de Procesos Grupais*.

### **RESUMEN**

Las prácticas grupales en la actuación profesional del psicólogo constituyen una herramienta fundamental para la intervención psicológica en las áreas de la psicología: clínica e

institucional. El objetivo de esta búsqueda fue verificar las modalidades grupales de la intervención psicológica en la Etapa de Procesos Grupales y la importancia de esta práctica en la formación de psicólogos. La metodología constituyó en el levantamiento bibliográfico y la investigación documental de las modalidades grupales realizadas en los prontuarios y en los informes de la Clínica Escuela de Psicología de una universidad del interior paulista. Aprobación del Comité de Ética e Investigación número CAAE 67358217.4.00.00.5495. El análisis cualitativo de los datos fue realizado a partir de los prontuarios y informes de la etapa de los Procesos Grupales a partir del referencial teórico en el área. Se verificó que las modalidades grupales de la etapa en el período de 2010 a 2016 fueron predominantemente institucionales en detrimento de la intervención psicológica clínica que ocurrieron en un número menor. Cualitativamente se verificaron los beneficios de la intervención grupal tanto institucional como en clínica a sus usuarios y aprendiz. A los usuarios por el carácter terapéutico del grupo ya los aprendices por la experiencia grupal en su formación.

**Palabras claves:** grupos; institución; clínica psicológica.

## **INTRODUÇÃO**

A partir da teoria do vínculo, de Pichon-Riviére, pode-se definir grupo como um conjunto de pessoas que possuem necessidades semelhantes e buscam a priori, o cumprimento de uma tarefa específica. Para a efetivação e realização da tarefa que se propõem a cumprir, esses indivíduos, deixam de ser um amontoado de pessoas, e cada um assume seu papel enquanto participante do grupo, com um objetivo mútuo, mas ainda sim, cada qual com sua identidade (Grossi; Bordin, (1992)).

O conceito de Instituição se refere a “um conjunto de normas que regem a padronização de um determinado hábito na sociedade e que garantem a sua reprodução” e “a institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação de ações habituais aceitas por determinado grupo” (ALEXANDRE, 2002, p. 210). Relacionando os conceitos sobre “Grupo” e “Instituição”, é possível que se entenda como ocorre seu funcionamento, na prática, os grupos institucionais.

A intervenção psicológica possui como finalidade o descobrimento da raiz da dor psíquica que afeta o indivíduo, para que esta seja tratada, e, compreendidos os sofrimentos que assolam o mesmo durante sua existência, propiciar cuidado, tratamento e superação do problema em questão.

O objetivo deste artigo foi verificar as modalidades grupais da intervenção psicológica no Estágio de Processos Grupais e a importância desta prática na formação de psicólogos, assim como para os usuários deste serviço tanto na clínica quanto nas instituições.

O método utilizado para a realização desse trabalho consistiu em uma pesquisa qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental. A pesquisa documental foi realizada a partir dos relatórios e prontuários produzidos no estágio de Processos Grupais do Curso de Psicologia de uma universidade do interior paulista. Os objetos analisados foram os prontuários e relatórios arquivados no Centro de Estágio e Pesquisa em Psicologia da universidade nos anos de 2010 a 2016, período definido pelos pesquisadores.

## **REVISÃO DA LITERATURA**

### **A influência dos grupos na concepção do eu**

“O ser humano é simultaneamente um ser sociável e um ser socializado, que aspira comunicar com os membros de uma sociedade que o forma e o controla” (ALEXANDRE,

2002, p. 209), isso nos remete ao fato de que estamos sempre inseridos em grupos e são eles que nos conectam com a chamada sociedade, o grupo maior.

A psicologia grupal tem como objetivo de estudo os microgrupos humanos, entendendo-se por tal todos aqueles nos quais os indivíduos podem reconhecer-se em sua singularidade (ou perceberem uns aos outros como seres distintos e com suas respectivas identidades psicológicas), mantendo ações interativas na busca de objetivos compartilhados (OSÓRIO, 2003, p. 11).

A teoria psicanalítica, por meio de seu método e aparato teórico, compreende que o sujeito particular é o objeto primordial de intervenção. O sofrimento que deverá ser tratado se refere e se localiza na pessoa, a quem se destina e refere-se o tratamento. No entanto, Pichon-Riviére refuta tal afirmativa, quando propõe um olhar duplo sobre o grupo e os sujeitos (CASTANHO, 2012).

Pichon-Riviére propõe que, ao pensarmos o que ocorre em um grupo, tenhamos em mente sempre dois eixos, assim nomeados e definidos: 1) vertical: assinala tudo aquilo que diz respeito a cada elemento do grupo, distinto e diferenciado do conjunto, como, por exemplo, sua história de constituição e seus processos psíquicos internos; 2) horizontal: refere-se ao grupo pensado em sua totalidade (CASTANHO, 2012, p. 49).

A realização dessa pesquisa, levantando as modalidades de intervenção psicológica grupal no estágio, possibilitou verificar os benefícios e fenômenos que emergem das relações grupais tendo em vista os dois aspectos pichonianos supracitados.

O que permite à inteligência essa transferência do plano motor para o plano especulativo não é evidentemente explicável no desenvolvimento do indivíduo (...) mas nele pode ser identificada (a transferência) (...) são aptidões da espécie que estão em jogo, em especial as que fazem do homem um ser essencialmente social (WALLON, 1979, p. 161).

A identidade do sujeito se concretiza partindo das relações estabelecidas com os outros e tais construções e influências desse grupo permanecem inconscientes ou pré-conscientes, não permitindo que esse sujeito veja que seus comportamentos são reflexos de padrões arcaicos que o seguem e o constituem.

### **O conceito de Grupo**

Grupo pode ser definido como “um conjunto de indivíduos que interagem entre si compartilhando certas normas numa tarefa” BLEGER (1998, p. 114). Osório (2003) utiliza o termo sistema humano: “Sistema humano é, em nosso entender, todo aquele conjunto de pessoas capazes de se reconhecer em sua singularidade e que estão exercendo uma ação interativa com objetivos compartilhados” (OSÓRIO, 2003. p. 56).

Grupos são no seu sentido mais geral, configurações sociais de mediação da relação entre indivíduo e a totalidade social a que ele se vincula; entre a universalidade da sociedade a particularidade do indivíduo. São, pois, instâncias intermediárias que articulam a relação do indivíduo com a totalidade social, servindo como elementos de mediação (FONSECA, 1988, p. 184).

Existem dois tipos de grupos, sendo a família um grupo primário e os grupos secundários se referindo ao trabalho, estudos, instituições entre outros. Nos grupos, cada sujeito possui seu lugar e papel, seu modo de ser em coletividade, e o que constitui sua identidade. É possível compreender que mesmo pertencentes a determinado grupo, com regras e normas que regem o processo relacional, cada um de seus integrantes, imprime sua identidade sobre o mesmo, por meio de sua forma de agir, pensar, falar, contribuindo assim para a ampliação de conhecimentos que constitui aquele grupo, definindo-o em sua multiplicidade (Grossi; Bordin, 1992).

Segundo Pichon-Riviére, a estrutura dos grupos se compõe pela dinâmica dos 3 D. O depositado, o depositário e o depositante. O depositado é algo que o grupo, ou um indivíduo, não pode assumir no seu conjunto e o coloca em alguém, que por suas características permite e aceita. Estes que recebem nossos depósitos são nossos depositários, nós que nos desembarçamos destes conteúdos, colocando-os fora de nós, somos os depositantes (GROSSI; BORDIN, 1992, p. 61).

Pichon-Riviére (2009) trouxe uma grande contribuição quando credita ao “vínculo”, o ponto necessário para se compreender um grupo. Sem o vínculo, tratar-se-ia então, apenas de um agrupamento de pessoas em um determinado espaço e tempo. Dado isso, pode se atribuir a esse conceito-chave o ponto necessário para se considerar o que é um grupo.

Além disso, concebe-se o grupo como agente de mudança e transformação da realidade, sendo que ao passo que o indivíduo vai se constituindo, o grupo também vai ganhando, enquanto o grupo se fortalece o indivíduo também se caracteriza, e isso, devido à interação e ao vínculo estabelecido (Pichon-Rivière, 2009).

A ideologia fundamental deste tipo de grupo é que o essencial é ‘aprender a aprender’, e que ‘mais importante do que encher a cabeça de conhecimentos é formar cabeças’. Incontáveis são as modalidades de aplicação dos grupos operativos, sendo que, muitas vezes, sob múltiplas denominações distintas, designam um funcionamento assemelhado (ZIMERMAN, 2000, p. 91).

Fonseca (1988) aponta que na prática os grupos tem se constituído, no entanto, têm sido percebidas dificuldades conceituais paradoxalmente aos fenômenos que surgem em grupos empiricamente existentes, dos resultados que estes apontam e das posturas de facilitação necessárias e fundamentais para a eficácia da intervenção grupal realizada. Esse fenômeno se justifica pela necessidade de aprofundamento teórico sobre essa esfera do saber e pela dificuldade de treinamento e dificuldade de treinamento de facilitadores.

## Modalidades grupais

É importante que se compreenda a existência de várias modalidades no que se refere ao trabalho de intervenção grupal. Em sua obra “Grupos e configurações vinculares” Fernandes (2003) classifica os grupos de maneira didática por meio de tabelas demonstrativas:

<b>Tabela I- Classificação do trabalho grupal</b>	<b>Tabela II- Classificação do trabalho grupal</b>	<b>Tabela III- Classificação do trabalho grupal</b>
<b>Idade</b> = crianças, adolescentes, adultos, idosos.	<b>Grupos com finalidades operativas</b>	<b>Grupos com finalidades terapêuticas</b>
<b>Ambiente de trabalho</b> = Privado (não institucional) Consultórios, Aulas particulares em Grupo, etc. Institucionais Empresas, escolas, Hospitais Psicoterapia de casal/ Público/ Privado/ (Particular).	Grupos de discussão (congressos e jornadas)	Psicoterapia psicodinâmica de grupo/ Psicoterapia analítica de grupo/ Grupanálise/ Psicanálise de Grupo/Psicodrama/Outros
<b>Configurações Vinculares</b> = Orientação Familiar/ Intervenção Institucional/ Outros Grupos	Grupos temáticos (textos, temas).	Grupoterapia breve psicanalítica
<b>Abordagens de acordo com o vínculo comunicacional (técnica)</b> = Pelo Grupo/ Em Grupo/ Do Grupo/ De Grupo	Grupos de orientação 9 gestantes, diabéticos, hipertensos, alcoolistas/AA, etc.)	Grupos de diagnóstico
<b>Finalidades</b> = Operativas Terapêuticas	Grupos comunitários (idem ao anterior)	Grupos de acolhimento
	Grupos Balint (Discussão de casos em equipe)	Grupos de sala de espera



	Grupos operativos (escolas, empresas, hospitais).	Grupos de pacientes internados/ Hospital geral/ Hospital psiquiátrico/ Comunidade terapêutica/ Centros de reabilitação/Hospitais-dia
	Grupos de reflexão (sociedades que congregam profissionais que trabalham com grupos, institutos de formação-ensino psi, universidades, vivências em congressos).	Psicoterapia do grupo familiar
		Psicoterapia do casal
		Psicanálise dos vínculos/ psicanálise do casal, da família, de grupos propriamente ditos e de instituições.
Grupoterapia com pacientes somáticos/ Grupos de pacientes com dor crônica, HIV+, hipertensos e outros.		
	Grupos de autoajuda (com terapeuta sem formação completa)	

Fonte: (FERNANDES, 2004, p. 185-189).

Em sua obra “O Processo Grupal”, Pichon-Riviére, traz a definição de grupos operativos:

(...) se definem como grupos centrados na tarefa (...) a tarefa é o essencial do processo grupal, portanto, temos nesta caracterização os três tipos: a) centrados no indivíduo, b) centrados no grupo como um conjunto total, o c) os grupos centrados na tarefa. (...) Nossa preocupação é abordar através do grupo, centrando-se na tarefa, os problemas da tarefa, da aprendizagem e problemas pessoais relacionados com a tarefa e com a aprendizagem (PICHON-RIVIÈRE, 2009, p. 272).

Nos grupos operativos, “o processo comunicativo vincular poderá ser aprimorado por meio de treinamento adequado, visando a aperfeiçoar a execução das tarefas” (FERNANDES, 2003). Alguns exemplos de grupos com finalidades operativas são: os grupos de orientação a gestantes ou de discussão de textos literários com adolescentes; grupos comunitários, técnicos sem formação completa como grupoterapeutas (psicólogos, psiquiatras, médicos de outras especialidades), podem receber treinamento, porém, desde que se atentem unicamente a tarefa proposta e conheçam seus limites (Zimerman apud Fernandes, 2003).

Os grupos Balint, de discussão de casos médicos em equipe multidisciplinar, apontam para resultados positivos, uma vez que concebe por meio do coordenador do grupo, que possui bons conhecimentos psicodinâmicos, achados que se somam ao crescimento profissional do grupo como um todo. Nos grupos de reflexão, ocorrem vivências de temas manifestos, a evidenciar os conflitos que atrapalham o trabalho, a explicitar as leis do funcionamento dos grupos e a relacionar essas leis com os acontecimentos vivenciados e com o curso teórico. Outra abordagem operativa são os grupos de discussão de congressos, jornadas e eventos, onde após algumas apresentações em mesa redonda, a discussão dos temas é realizada por grupos menores, dessa vez, coordenados por especialistas em grupo, viabilizando uma construção criativa entre todos, assim como a horizontalidade relacional (Fernandes, 2003).

A psicoterapia breve grupal segundo Fernandes (2003) é realizada com objetivos e/ou tempo limitados, podendo ser utilizada em instituições e na clínica particular, possuindo como finalidades: alívio sintomatológico; adaptações da vida; triagem para direcionamento a outros tratamentos; diagnóstico mais específico e sensibilização para psicoterapia psicodinâmica, sem foco e tempo predeterminados. Na psicoterapia grupal com pacientes internados, busca-se a aceitação ao processo terapêutico, compreender que outros também possuem problemas

semelhantes e a possibilidade de sentimento de utilidade para o paciente e sensibilizá-lo para o tratamento.

Sobre a diferenciação entre os grupos operativos e grupos terapêuticos, Fernandes (2003) conclui que se trata de uma tarefa difícil, diferenciá-los, uma vez que, os grupos operativos também podem adquirir caráter terapêutico a seus usuários, embora a proposta não seja esta.

Existem duas estruturas distintas de grupos, os grupos terapêuticos e os grupos institucionais. Define como grupos de Empresa, aquelas atividades dentro de uma linha de Grupos de Sensibilização, Desenvolvimento Individual, Desenvolvimento Interpessoal, Administração de Conflitos, Análise Transacional, etc., e que são estruturados de acordo com a demanda apresentada pela empresa. Nos grupos institucionais existem fenômenos como o poder, a comunicação entre os membros do grupo, que já preexistem antes mesmo do início dos encontros. Cabe aqui mencionar a necessidade de entrevistas que antecedem o início dos encontros em grupo, tanto com as chefias, quanto para os integrantes do grupo, para fins de conhecimento de cada um. Valendo enfatizar a importância dos encontros serem realizados fora do ambiente de trabalho e a lembrança de frequência e assiduidade às sessões (Castilho, 2002).

Já os grupos terapêuticos, Castilho (2002) conceitua que são estruturados pelo facilitador, que seleciona como participantes seus clientes de terapia individual ou pessoas que buscam de maneira espontânea o grupo, se inscrevendo e aguardando realização da chamada para o início dos encontros grupais. Existem vários critérios que o facilitador pode utilizar para a construção de um grupo como, idade, sexo, profissões, etc, para a estruturação e grupos homogêneos e heterogêneos, com objetivos direcionados a demanda tratada em grupo. Esses grupos podem ser abertos, onde havendo a saída de um integrante, outro pode ocupar o seu lugar, ou fechados, em que há desde o contrato grupal a impossibilidade de

entrada de novos integrantes ao grupo e teoricamente aqueles que se iniciaram no grupo, devem permanecer até a data aprazada.

## **METODOLOGIA**

O método utilizado para esse trabalho consistiu em: pesquisa qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental. Em relação à pesquisa qualitativa, “considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques” (GODOY, 1995, p. 21).

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. A pesquisa descritiva busca descrever fatos e fenômenos de determinada realidade por meio de estudo de caso, análise documental e pesquisa ex-post-facto (Gerard e Silveira, 2009).

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc (FONSECA, 2002, p. 32).

Quanto à pesquisa bibliográfica, foi realizada a partir de renomados autores da área tais como: Pablo Castanho, Áurea Castilho, Waldemar Fernandes, Beatriz Silvério Fernandes, Luiz Carlos Osório e David Zimerman e Pichon-Rivière.

Em relação à pesquisa documental:

Como comumente pensamos que o trabalho de pesquisa sempre envolve o contato direto do pesquisador com o grupo de pessoas que será estudado, esquecemos que os documentos constituem uma rica fonte de dados. O exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ ou interpretações complementares, constitui o que estamos denominando pesquisa documental (GODOY, 1995, p. 21).

A pesquisa documental foi realizada a partir dos relatos produzidos no estágio de Processos Grupais do Curso de Psicologia de uma universidade do interior paulista. Os instrumentos de análise, ou seja, os documentos a serem analisados qualitativamente, foram os prontuários e relatórios arquivados no Centro de Estágio e Pesquisa em Psicologia da universidade.

Godoy (1995) apresenta três momentos importantes da pesquisa documental: a escolha dos documentos, o acesso e a análise. Quanto à escolha do documento, a definição pelos prontuários e relatórios se justifica por constituírem o registro de todo processo de intervenção do estágio.

O acesso aos documentos foi por meio de autorização da Coordenadora do Curso e da Clínica de Psicologia, local onde estão arquivados todos os documentos referentes ao Estágio de Processos Grupais. Por se tratar de documentos referentes a atividades realizadas com humanos, este trabalho, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com o número que segue: CAAE 67358217.4.0000.5495.

Em relação à análise qualitativa dos dados foi realizada à luz da teoria psicodinâmica de grupos e de grupos operativos, por onde se verificou as modalidades grupais e a importância desta prática na formação do psicólogo, bem como os benefícios aos usuários.

Os documentos analisados foram produzidos no período de 2010 a 2016 e os aspectos levantados nos documentos foram estabelecidos por meio de um protocolo definido pelos pesquisadores de maneira a possibilitar uma padronização na caracterização do conteúdo levantado, referente às modalidades, fenômenos, benefícios e dificuldades da intervenção grupal.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Com relação aos benefícios da intervenção em grupo para os estagiários do Curso de Psicologia vale ressaltar que:

A atuação com grupos é uma demanda real na profissão do psicólogo e ter a possibilidade de viver a prática deste trabalho na graduação permite verificar o quanto reproduzimos no grupo situações externas, porém, esse contexto favorece a reflexão e a mudança. Para os universitários, ter um espaço específico para pensar as relações que estabelecem entre si, com os conteúdos e todas as atividades que envolvem o curso, constitui um momento ímpar e muito importante da formação, no qual é possível conhecer e vivenciar um trabalho em grupo com todos os fenômenos e obstáculos do processo (SILVEIRA e RIBEIRO, 2015, p. 94).

Desta forma, a prática no estágio com a intervenção grupal contribui na formação do profissional e ao mesmo tempo possibilita repensar suas vivências grupais enquanto ser gregário (Zimmerman, 2000).

Ao longo deste trabalho, foi analisado que durante os sete anos (2010 a 2016) do Estágio de Processos Grupais, a incidência dos grupos institucionais foi maior do que dos grupos clínicos; evidenciando que as práticas grupais institucionais foram realizadas em

maior número em detrimento das grupoterapias, denotando que a adesão à intervenção psicológica grupal na clínica ainda constitui um desafio para a profissão.

É preciso compreender que cada indivíduo ao entrar no ambiente de grupo, apresenta sinais de retraimento, cuidado e insegurança, visto que estes não conseguem conceber o ambiente grupal como lugar seguro, próprio para tratar de seus problemas, medos e angústias, mas associam-no a um lugar, onde devem agir de modo a reterem o que sentem e canalizam sua atenção, para o fato de estarem inseridos em um grupo composto por várias identidades que diferem da sua. (Neri, 1999).

Observou-se que o trabalho psicológico grupal, tem maior espaço na instituição, em comparação com a clínica. O grupo institucional possibilita trabalhar com maior número de pessoas em detrimento da grupoterapia, que geralmente se constitui com aproximadamente seis pacientes.

Neste período foram realizadas 34 intervenções grupais, sendo 24 institucionais, e 10 intervenções clínicas em grupoterapia. Tendo em vista que o estágio é optativo, o número de vagas é restrito a cada ano, e, ainda assim, nem todas as vagas disponíveis são preenchidas pelos estagiários, porque o interesse dos estagiários pelo Estágio de Grupos também foi baixa nestes sete anos, quando comparado ao número de formandos por ano, aproximadamente 150.

Tal fenômeno se justifica pela dificuldade dos estagiários quanto à competência relacional, demonstrando limitações ao lidar com grupos, quando há necessidade de atuação desses estagiários como facilitadores grupais, como é a proposta do estágio de Processos Grupais. Onde surgem fenômenos que fogem do controle do facilitador, pois cada grupo reage a sua maneira, e, uma vez se tratando de várias identidades distintas reunidas, ocorrem divergências, dificuldades de interação, inseguranças no que se refere à abertura para o grupo entre outros fatores.

As habilidades sociais são definidas como um conjunto de destrezas sociais, cognitivas e afetivas que instrumentaliza os indivíduos no decorrer do desenvolvimento, orientando-os para o enfrentamento das dificuldades cotidianas. Para alcançar este objetivo, os indivíduos devem ser hábeis no manejo social, interpessoais, cognitivo e emocional, em termos de comunicação, de lidar com sentimentos de agressividades, de ter capacidade empática, além de saber tomar decisões, pensar de modo crítico, saber se autoavaliar consistentemente e lidar com situações de estresse, expressando autocontrole efetivo (DEL PRETTE e DEL PRETTE apud LEITE-SALGUEIRO; DE CASTRO NUNES; CALDAS, 2018, p. 78).

É possível compreender que durante a realização da intervenção grupal, o grupo a ser atendido pode reagir de duas maneiras distintas, que possuem em comum seus “extremos”, podendo o indivíduo uma vez tendo ciência de que está inserido em determinado grupo, se fechar devido ao fato de surgirem diversos pensamentos que emanam da sua psique, fazendo-o se retrair e não se entregar durante o processo, ou então, pelo mesmo fato de tomar tal ciência de estar em grupo, este, se envolver demais vivendo uma relação de dependência grupal.

Um dos problemas da terapêutica de grupo, então reside no fato de ser o grupo frequentemente utilizado para a obtenção de uma sensação de vitalidade pela submersão total no grupo ou de uma sensação de independência individual pelo repúdio total dele. Essa parte da vida mental do indivíduo, que é incessantemente estimulada e ativada por seu grupo é a sua herança inalienável como animal de grupo (BION apud ÁVILA, 2016, p. 55).

Foi possível verificar que a intervenção grupal predominante foram os grupos vivenciais (institucional), que tiveram início em 2013, sendo no total 16 grupos, com 408



membros, todos os alunos do 5º semestre do curso de psicologia. A abordagem mais utilizada para intervenção grupal foi a de Grupo Operativo, teoria de Pichon-Rivière, uma vez que constitui a intervenção grupal que mais atende às demandas dos grupos em instituições.

Os encontros dos grupos vivenciais foram realizados com aproximadamente 25 alunos, com duração de 01h30min e frequência semanal. A proposta era possibilitar o diálogo entre os membros e a manifestação de conteúdos referentes às angústias, medos e ansiedades que surgem durante processo de formação superior.

Além dos grupos vivenciais foram levantados, ainda na modalidade institucional 2 grupos temáticos, 4 grupos de orientação de pais em sala de espera, 2 grupos de Comunidades Terapêuticas. Já nas grupoterapias foram 3 grupos com crianças, 3 com adolescentes, 3 com adultos e 1 grupo com idosos.

Os grupos temáticos seguiam como metodologia, abordar temas relacionados aos interesses de seus membros, por meio de textos, dinâmicas e atividades que eram propostas durante o mesmo.

Os grupos de orientação de pais aconteciam durante o atendimento de dois grupos, um infantil e outro composto por adolescentes, que aconteciam concomitantemente. Foi oferecido um espaço somente para os pais que ficavam na sala de espera, o que proporcionou a participação efetiva desses, que compartilhavam com o grupo, suas angústias e dúvidas em relação à educação de seus filhos.

Os grupos em comunidades terapêuticas, que atendiam a demanda de pessoas em recuperação de dependência química, também aconteciam no formato dos grupos operativos, com tarefas e atividades para facilitar o diálogo e a manifestação de sentimentos dos seus integrantes.

As grupoterapias também se enquadram no enfoque psicológico clínico, pois segundo Fernandes, assim como em instituições, a criação e manuseio dos grupos de sala de espera, apontam que:

A experiência tem mostrado que esses grupos são terapêuticos, ajudam a pensar, a tomar decisões, enfim, a melhorar a qualidade de vida. Igualmente, os grupos de acolhimento e os grupos de diagnóstico mostram-se dispositivos excelentes para continência, encaminhamento e primeiros contatos grupais, mostrando-se também terapêuticos (FERNANDES, 2003, p. 92).

No caso das grupoterapias, direcionadas às crianças e adolescentes, podemos compreender a eficácia do trabalho do terapeuta junto ao grupo, uma vez que, os integrantes possuem a necessidade de um facilitador que auxilie a propiciar a compreensão de aspectos e verdades de cada, pois, seus aparelhos psíquicos ainda não possuem maturação necessária para conceber tais percepções. Assim o terapeuta “age como facilitador do desenvolvimento da terapia, da vida, enfim. O grupo é um excelente espaço para, junto, descobrir-se verdades, aspectos de cada um e de todos transicionalmente, diria Winnicott” (MELLO FILHO, 1997, p. 93, apud FERNANDES, 2002, p. 191).

Pode-se observar que a resistência constitui um fator, uma hipótese, que justifica o número de desistências e desligamentos nas grupoterapias de adolescentes. Foram constatados 9 desistências e 5 desligamentos, num total de 28 integrantes entre 2010 a 2016. Tal justificativa que fundamenta tal hipótese se relaciona ao fato do desejo pelo atendimento ser a priori dos pais e não dos adolescentes, o que pode tornar o grupo ineficaz diante desse tipo de relação.

Um dado importante a ser colocado em pauta também, é a resistência, subproduto comum dentro de um setting sendo ele terapêutico ou não, pois ela é atuante em cada ser humano, a todo o momento, movimentando diversas questões (CESÁRIO, 2009).

Foi identificado que durante o período de sete anos, foi realizado apenas um grupo de atendimento voltado aos idosos. Com base nesse dado, podemos levantar algumas hipóteses que justifiquem tal afirmativa, visto que há no Brasil uma população relativamente grande de

pessoas idosas que demandam atenção, e políticas a serem implantadas para promoção de saúde e qualidade de vida entre estes:

Para se tiver uma idéia da magnitude desse fenômeno, em 1960, o Brasil contava com 4,7% de idosos, em 1970 5%, 6,1% em 1980, em 1991 7,3%, na virada do século XX para o século XXI 8,5%, e conforme o último censo do IBGE o nosso país já conta com 19,7% de idosos (BARROS e JUNIOR, 2015, p. 76).

Uma das hipóteses que justifica baixos índices de grupos de idosos se relaciona com a dificuldade de locomoção para ir à clínica escola, que se localiza em um bairro distante das áreas centrais da cidade, pois pelo fato de dependência de auxílio de terceiros e de familiares, constitui um problema que impossibilita que esses idosos estejam presentes em grupos específicos, visto que na maioria dos casos, seus familiares possuem outras funções como trabalho, estudo, filhos etc, que nem sempre é possível que encaminhem os idosos para o comparecimento de grupos como estes.

Em suma, se torna de extrema importância, a atenção voltada à população idosa que segundo dados, têm adoecido, apontando altos índices de doenças neurodegenerativas e depressão entre outras patologias.

Dentre as doenças decorrentes da velhice destacam-se a prevalência das doenças neurodegenerativas e as tendências à depressão. A depressão é um distúrbio da área afetiva ou do humor, e quando incide em idosos, por muitas vezes, é ignorada pelos profissionais de saúde por entenderem que os sinais e sintomas depressivos seriam manifestações normais da senescência (MARQUES, et al., 2017, p. 21).

Uma maneira de tratamento interventivo para atender essa demanda crescente, é a criação de grupos de idosos em: centros de convivências, instituições de acolhimento e centros de apoio espalhados em toda cidade com finalidade de promoção de saúde e qualidade

de vida desse público, de maneira proporcionar o reestabelecimento de vínculos que em decorrência da idade entre outros fatores, tais idosos, em sua grande maioria têm perdido.

Nas grupoterapias não houve alta em função do tempo de duração breve do grupo, aproximadamente 9 meses com intervalo de um mês de férias não sendo suficiente para atender as demandas da queixa inicial e que foram se apresentando no decorrer do grupo.

Verificou-se que mesmo indicando a continuidade do atendimento em grupo, os membros não retornavam no ano seguinte, tendo como hipóteses a resistência em função troca dos estagiários, sempre informada no final de cada ano. A perda do vínculo e conseqüentemente, o longo período de férias que interrompem (dezembro, janeiro e fevereiro) em função ano letivo.

Podemos compreender o fenômeno vincular, como elemento primordial para o estabelecimento da relação de confiança entre os membros do grupo, como também em relação ao facilitador do mesmo, pois, a teoria da psicanálise dos vínculos que concebe tal conceitualização, enfatiza que:

Na relação grupalítica, os vínculos entre os diversos participantes e com o coordenador ocorrem principalmente através da comunicação verbal, mas são muito importantes também as outras formas de comunicação. É através da comunicação que podemos iniciar a pesquisa, que nos levará a associações importantes (FERNANDES, 2003, p. 85).

Nos grupos vivenciais, que são institucionais, não ocorreram as desistências ou desligamentos, uma vez que a frequência estava atrelada à nota semestral da disciplina, em função dos encontros dos grupos vivenciais acontecerem como atividade prática da disciplina Teoria e Processos Grupais.

Analisando qualitativamente o conteúdo dos relatórios do estágio verificou-se o movimento do grupo para sua preservação. Todo grupo basicamente busca o estabelecimento

da homeostase, que OSÓRIO (2003, p. 52) conceitua como a “busca do equilíbrio interno, para que haja preservação sobrevivência do organismo e da própria espécie. Não é, pois, diferente a realidade desse organismo vivo - o grupo”. Observou-se essa busca em todos os grupos clínicos e institucionais como no estabelecimento do vínculo inicial.

Nos grupos vivenciais, havia a todo o momento uma oposição ao poder/autoridade, dificultando bastante o processo e revelando uma resistência mais agressiva no próprio grupo. Esse fenômeno é chamado de ataque ao facilitador e muito bem descrito por OSÓRIO (2003):

É um dos fenômenos mais característicos de um grupo, ele se apresenta com maior força na terapia individual, pelo fato de ter o reforço de alguns membros do grupo que se sentem apoiados quando atacam a autoridade. Tal fenômeno se apresenta com maior intensidade nas chamadas fases de contra dependência, quando os participantes sentem uma profunda necessidade de contestar, contrariar e agredir a autoridade do facilitador (OSÓRIO, p. 55, 2003).

Esse ataque observado, originado pelos integrantes do grupo, pode ser compreendido como a ativação de um mecanismo de defesa, próprio do ser humano, quando colocado em uma situação, em que este, considera ser ameaçadora. No entanto, comportamento deve ser identificado e trabalhado durante o processo grupal, para que os participantes do grupo se desarmem, e, seja possível alcançá-los com a finalidade específica que o grupo possui.

Verificou-se que os grupos analisados nesta pesquisa apresentaram peculiaridades, complexidade, interação entre os membros; revelando em si a importância da psicologia abordar cada vez mais esta modalidade de intervenção e conceber mais conhecimentos para essa área, ou seja, agregar mais saberes e destaque para as Teorias e Processos Grupais. Os resultados referentes à realização dos grupos vivenciais puderam propiciar um olhar múltiplo para a intervenção grupal, uma vez que, os alunos do curso de Psicologia puderam ter o

contato com a disciplina teórica de Processos Grupais e subsequentemente com os grupos vivenciais, ampliando o olhar para essa modalidade de atendimento, que poderá ser utilizada no futuro durante a realização de intervenções grupais em diversas áreas e campos que a Psicologia possibilita a atuação profissional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante toda a análise tanto dos dados e conteúdos, foi possível observar que os grupos institucionais e a abordagem Operativa de Pichon-Rivière foram às práticas mais comuns no Estágio de Processos Grupais do curso de Psicologia. Revelando assim, a importância dos grupos institucionais na atuação do psicólogo. Sendo que a modalidade de grupo vivencial constituiu uma oportunidade dos alunos compreenderem o que é um grupo participando como membros dos mesmos e compartilhando entre si suas vivências universitárias.

Desta forma, reafirma-se a importância das práticas grupais na formação e atuação do psicólogo, assim como para os usuários deste serviço na clínica e nas instituições. Diante da diversidade de possibilidades no trabalho com grupos e os benefícios que esta intervenção traz aos usuários e à formação do psicólogo, esta pesquisa não esgota a temática, porém, abre possibilidade para novos estudos e contribuições para o meio acadêmico.

## **REFERÊNCIAS**

ALEXANDRE, M. Breve descrição sobre processos grupais. V.7. Comum- Rio de Janeiro, p. 209-219, 2002. Disponível em: < <http://www.sinpro->

[rio.org.br/admin/assets/uploads/files/ef37e-breve-descricao-sobre-processos-grupais.pdf](http://rio.org.br/admin/assets/uploads/files/ef37e-breve-descricao-sobre-processos-grupais.pdf)>

Acesso em 20 mai. 2018.

ÁVILA, L. A. Grupos: uma perspectiva psicanalítica/ Laszlo A. Ávila. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2016. p. 53-62.

BARROS, R. D.; JUNIOR, E. P. G. Por uma história do velho ou do envelhecimento no Brasil. **CES Revista**, v. 27 n. 1, p. 75-92, 2015. Disponível em <https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2013/Artigo%2004.pdf>. Acesso em 29 de jul. 2018.

BLEGER, J. O grupo como instituição e o grupo nas instituições. In: **Temas de Psicologia, entrevista e grupos**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.101- 122.

CASTANHO, P. Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. – **Revista do NESME**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 48-55, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v9n1/a07.pdf>> Acesso em: 24 de jun. 2018.

CASTILHO, A. **Dinâmica do trabalho de grupo**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2ª reimpressão, 2002. p. 8-18.

CESÁRIO, C. G. C. **Resistência: Um obstáculo no caminho da Psicanálise?** Minas Gerais: UFSJ, 2009. p.69-84.

FERNANDES, W. J; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B. S. **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p.185-193.

FERNANDES, W. J. A importância dos grupos hoje. **Revista da SPAGESP**. V. 4, n. 4. 2003, p. 83-91, 2003. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5599905>. Acesso em 29 de jul. 2018.

FONSECA, A. **Grupo, fugacidade, ritmo e forma: processo de grupo e facilitação na Psicologia humanista** . São Paulo: Ágora, 1988. p.175-186.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, p. 32-34, 2002.

Disponível em

<http://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/716/1/Metodologia%20da%20Pesquisa%20Cientifica.pdf>. Acesso em: 29 de jul. 2018.

GROSSI, E. P; BORDIN, J. **A paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes,1992. p.59-68.

GERARD, T. E. e SILVEIRA, D. T. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora

UFRGS, p. 34-42, 2009. Disponível em: <

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 25 out. 2016.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. RAE – **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em

<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em 29 de jul. 2018.

LEITE-SALGUEIRO, C. D. B., DE CASTRO NUNES, F. C. M., & CALDAS, M. T. Análise das Habilidades Sociais de um Grupo de Estudantes Universitários: Bom Repertório e Desempenho Socialmente Competente. **Revista Educação em Debate**, p. 78, 2018.

Disponível em

<http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/view/553/346>. Acesso em 29 de jul. 2018.

MARQUES, J. F. S., et al. Transtorno depressivo maior em idosos não institucionalizados atendidos em um centro de referência. **Arquivos de Ciências da Saúde**, v. 24. n. 4, p. 20-24,

2017. Disponível em <http://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/article/view/804>.

Acesso em 29 de jul. 2018.

NERI, C. **Grupo: manual de psicanálise de grupo**. Rio de Janeiro: Imago, 1999. p.189-191.

OSÓRIO, L. C. **Psicologia Grupal**: uma nova disciplina para o advento de uma era. Porto Alegre: Artmed, 2003. p.10-59.



PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. 8 ed. (M. A. F. Velloso e M. S. Gonçalves, Trads). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. p.272-286.

SILVEIRA, C. A. B. As vivências de separação e o encerramento da psicoterapia de grupo: uma breve reflexão. In: **Revista da SPAGESP** - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Jan.-Jun, vol. 9, n. 1, p. 66-75, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v9n1/v9n1a09.pdf>. Acesso em 29 de jul. 2018.

SILVEIRA, C. A. B.; RIBEIRO, E. F. **Grupos operativos e a formação de psicólogos: Relato de experiência na graduação**. In: SANTEIRO, T. V.; ROCHA, G. M. A. (orgs.) **Clínica de Orientação psicanalítica: compromissos, sonhos e inspirações no processo de formação**. São Paulo: Vetor, p. 81-96, 2015. Livro completo 219 p.

WALLON, H. Do Acto ao pensamento. Lisboa: Moraes, 1979. p.161.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p.88-96.

Cláudia Alexandra Bolela Silveira, Psicóloga e Pedagoga. Doutora em Promoção de Saúde e Mestre em Educação. Professora e supervisora de Psicologia da Universidade de Franca e FAPESP. Membro e docente da SPAGESP. E-mail: [claudiabolela@hotmail.com](mailto:claudiabolela@hotmail.com)

Jobert Teixeira Costa, Graduando do Curso de Psicologia pela Universidade de Franca.

Felipe Santos Da Silva, Graduando do curso de Psicologia pela Universidade de Franca. Graduando do curso de Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo.

Bolsista de Iniciação Científica com fomento FAPESP, processo 2018/10915-0.